

## RESENHA DO LIVRO “CRITIQUE DE LA RAISON DÉCOLONIALE”

Review of the book “Critique de la raison décoloniale”

Silvio Marcus de Souza Correa<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0002-0002-0364-6590>

E-mail: [silvio.correa@ufsc.br](mailto:silvio.correa@ufsc.br)

<sup>a</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Florianópolis, SC, Brasil



GAUSSENS, Pierre et al. *Critique de la raison décoloniale*. Paris : Editions L'Échappée, 2024.

**PALAVRAS-CHAVE:** Decolonialidade. Colonialidade. Poder.

**KEYWORDS:** Decoloniality. Coloniality. Power.

**P**ublicado na França em 2024, a coletânea *Critique de la raison décoloniale* é o décimo livro da coleção Versus. Dirigida por Patrick Marcolini, esta coleção oferece aos leitores um arsenal intelectual para se armar contra as ideologias e os discursos pseudo-críticos que pululam na sociedade hodierna. O último livro da coleção apresenta um conjunto de análises críticas aos fundamentos do propalado pensamento “decolonial”. O termo é um neologismo criado por um coletivo que emergiu mormente no meio académico norte-americano no contexto da globalização do final do século XX. O discurso decolonial se disseminou rapidamente nas universidades públicas do Brasil nesses últimos anos. Tem-se também um espaço mediático favorável à sua vulgarização, ou seja, as redes sociais. Isso significa que algumas “verdades” do pensamento decolonial podem ser conhecidas dos jovens brasileiros antes mesmo do seu ingresso na universidade. Nas redes sociais, ideias do pensamento decolonial, assim como do feminismo e do “wokismo”, para ficar em três exemplos, podem ser facilmente descontextualizadas e distorcidas para fins escusos. Por outro lado, a circulação dessas ideias na internet e a sua (des)aprovação entre os internautas podem impactar negativamente no meio académico. Para Francisco Bosco (2017), o surgimento das redes sociais coincide com a formação de um novo espaço público no Brasil, no qual tem prevalecido um discurso antiacadêmico. Outros discursos adotam um léxico decolonial mais adaptado ao novo público tanto intra- quanto extramuros da universidade.

Se o neologismo decolonial já circula fora dos *campi*, o seu alcance é relativo e o seu futuro incerto. Como ensina Monteiro Lobato (1970, p.58): “Quem altera as palavras, e as faz e desfaz, e esquece umas e inventa novas, é o dono da língua – o Povo.” Por seu turno, Mikaël Faujour, autor do prefácio e um dos tradutores do livro *Critique de la raison décoloniale*, considera o neologismo em questão como um novo invólucro para encerrar uma *doxa*. No jargão decolonial, outros termos são recorrentes como “colonialidade” (Quijano, 2005), “pluriversalismo transmoderno” e “extrativismo epistêmico” (Grosfoguel, 2008), “shift epistêmico” (Mignolo, 2003) ou “diferença trans-ontológica” (Maldonado-Torres). No primeiro capítulo do livro, os americanistas Pierre Gaussens e Gaya Makaran tratam, entre outros aspectos, desses termos inócuos de um pensamento que, para ambos, não passa de uma impostura intelectual. Cabe ressaltar que a maioria dos textos desta coletânea remete ao livro intitulado *Piel Blanca, Máscaras Negras. Crítica de la razón decolonial* e publicado no México em 2020.

O segundo capítulo aborda o raquitismo do corpo historiográfico do decolonial. Para Daniel Inclán (2024, p. 50) a “virada decolonial” se apresentou como uma alternativa

para superar o paradigma ocidental do conhecimento após a propalada crise de paradigmas do final do século XX. No entanto, a filosofia da história embutida na virada decolonial não resiste a qualquer exame rigoroso em termos teóricos e metodológicos. Segundo o autor, o pensamento decolonial propôs algumas contra-narrativas em relação às grandes narrativas da história do capitalismo ou da modernidade sem, contudo, fazer pesquisa histórica e demonstrar de forma empírica alguma inovação em termos historiográficos.

Para Daniel Inclán, as figuras proeminentes da corrente decolonial, ao se afastarem do marxismo, renunciaram, igualmente, à dialética da história. Ao valorizar a suposta crítica epistêmica de suas contra-narrativas, Enrique Dussel, Walter Mignolo, Aníbal Quijano *et caterva* deixaram para os seus seguidores a tarefa de aplicar as suas afirmações categóricas em estudos de caso e em pesquisas de campo. Acontece que as viseiras ideológicas têm impedido os jovens asseclas de ver a realidade para além dos enunciados dos velhos gurus. Se Pierre Gaussens e Gaya Makaran extraíram da obra de Frantz Fanon o princípio ativo para o antídoto ao veneno produzido pelo laboratório decolonial, Daniel Inclán procede de forma similar para mostrar que a obra de Marx vai além da versão reducionista dos próceres do pensamento decolonial e dos seus correligionários.

O terceiro capítulo se interessa pelo lado obscuro da “teoria” decolonial. O filósofo Rodrigo Castro Orellana submete ao crivo de sua análise alguns termos como “diferença colonial” e “border thinking”, ambos cunhados por Walter Mignolo. Na verdade, a obscuridade tem a ver com a falta de clareza na definição dos termos e, por conseguinte, com a sua ambiguidade e, por outro lado, com o silêncio e a omissão em relação a tudo aquilo que fica de fora do esquema essencialista e dicotômico de Mignolo. O pensador argentino reduz a humanidade em vítimas e algozes. Tal dicotomia é acompanhada de uma axiologia duvidosa na qual as vítimas são encarnações das virtudes e os algozes dos vícios. Essa dicotomia corresponde, igualmente, a uma geopolítica em que o Ocidente segue como o centro do mundo desde 1492 e tudo mais é o resto: *The West and the Rest*.<sup>1</sup> O Ocidente seria o centro dos vícios e o Resto o refúgio das virtudes. Mas os Conquistadores trouxeram seus vícios para o Novo Mundo, segundo Mignolo e os demais adeptos da ideologia decolonial. Rodrigo Castro Orellana ainda questiona a relação entre colonialismo e modernidade, pois as experiências coloniais da Antiguidade ficam

---

<sup>1</sup> Cf. Mahbubani, K. (1992). *The West and the Rest*. *The National Interest*, 28, 3–12.  
<http://www.jstor.org/stable/42896786>

completamente obliteradas pelo recorte temporal e espacial do pensador argentino, assim como as experiências imperiais de astecas, maias e incas. Outros impérios como o chinês ou o turco-otomano não têm qualquer relevância para o coletivo Modernidade/Colonialidade, embora o grupo pretenda que a tal colonialidade possa servir para explicar o mundo a partir de 1492.

Para o pensamento decolonial, o chamado “encobrimento do Outro” (Dussel, 1993) é um mito fundador. O Novo Mundo se torna, então, o laboratório da modernidade e a dominação colonial se espraia na longa duração. Em quinhentos anos, a tal colonialidade parece não ter nenhuma ruga. Afinal, o Ocidente segue impávido a mandar e desmandar no mundo, segundo a cartilha decolonial. Walter Mignolo e companhia não procuraram “provincializar a Europa” (Chakrabarty, 2000), mas sim fazer de sua periferia o centro de suas elucubrações. Essa obsessão coletiva se mostrou perigosa já que as generalizações a partir das Américas se traduzem em disparates como também são frágeis, pois sem qualquer averiguação em outras realidades pretéritas na África ou na Ásia.

Bryan Jacob Bonilla Avendaño assina o quarto capítulo que tem por alvo a epistemologia de Ramón Grosfoguel. Se Enrique Dussel conhecia bem o marxismo, não é o caso de Mignolo e tampouco de Grosfoguel. Embora o último buscasse demarcar uma distância da sua abordagem em relação àquelas do primeiro e do segundo, a sua epistemologia não resiste ao crivo dos críticos como Avendaño. Seguindo a senda aberta por Silvia Rivera Cusicanqui (2010) e Jeff Browitt (2014), o autor do quarto capítulo critica o essencialismo que emana da epistemologia de Grosfoguel, assim como a rasa interpretação do intelectual porto-riquenho da filosofia de Descartes, Hegel e Marx. Em seu balanço crítico, Grosfoguel formula e repete acusações e denúncias sem levar a cabo uma investigação histórica. Suas generalizações carregam preconceitos, notadamente em relação ao mundo ocidental. Não é anódino que Jeff Browitt (2020, p. 118) tenha deplorado o fato da teoria decolonial ter logrado um estatuto de culto, uma espécie de seita religiosa com os seus devotos e sumos sacerdotes a seguir dogmaticamente suas verdades.

O quinto capítulo é da lavra do filósofo Martin Cortés e sua crítica ao pensamento decolonial parte das ideias de heterogeneidade e transculturação, ambas caras a António Cornejo Polar e Fernando Ortiz respectivamente. Assim como os demais autores da coletânea, Martin Cortés demonstra alguns equívocos interpretativos de Walter Mignolo, notadamente em seu livro *La idea de América Latina* (2007). No caso das obras de Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha, o maniqueísmo do pensador argentino

compromete a sua interpretação e, por conseguinte, a tese que pretende defender. Para Martin Cortés, a suposta homogeneidade da Modernidade ocidental é um erro crasso. Além disso, o livro supracitado de Mignolo não apresenta nenhuma investigação documentada.

O último capítulo apresenta um relato biográfico da historiadora Andrea Barriga através do qual se conhece o caráter sedutor do pensamento decolonial, o desencanto da autora e o seu distanciamento crítico do aporte decolonial. Para além de uma apostasia, a autora faz um balanço crítico do conceito de colonialidade forjado por Aníbal Quijano. Com argumentos de peso, a autora conclui a crítica ao pensamento decolonial sob a célebre frase “Tudo o que é sólido, desmancha no ar”, de Karl Marx, e com uma “confissão de fé”, de Norberto Bobbio, ao assumir de forma serena a sua filiação à tradição intelectual europeia na qual a busca pela verdade, o postulado da dúvida, a disposição ao diálogo, o espírito crítico, a moderação no julgamento e o reconhecimento da complexidade das coisas são alguns dos seus apanágios.

A coletânea em francês sob o título *Critique de la raison décoloniale* chega em boa hora. Curiosamente, o livro em espanhol, organizado por Pierre Gaussens e Gaya Makaran, não teve sequer uma resenha em português.<sup>2</sup> A falta de resenhas de um livro em espanhol e sobre um tema tão em voga nas ciências sociais e humanas no Brasil, mas também nas curadorias de exposições de arte em museus do país, pode ser um sinal dos novos tempos. Se Walter Mignolo (2003), Aníbal Quijano (2005) e Ramón Grosfoguel (2008), entre outros (Grosfoguel *et al.*, 2018), são traduzidos para o português, parece ser de bom alvitre traduzir os seus críticos para que o público leitor do Brasil tenha o direito ao contraditório. Do contrário, o mercado editorial pode incorrer no risco de contribuir para a doutrinação como tem ocorrido no meio acadêmico do país. Ademais, o último livro de Michel Cahen (2024), intitulado *Colonialité. Plaidoyer pour la précision d'un concept*, vem somar às críticas em torno da tal colonialidade, com o intuito de avançar na construção de um conhecimento histórico sobre a modernidade. O autor defende uma abordagem decolonial materialista. Resta saber qual será a recepção de sua crítica, notadamente entre os seus pares portugueses e brasileiros. A boa notícia é que a tradução do livro do historiador francês por uma editora brasileira deve fomentar o debate crítico num país

---

<sup>2</sup> A resenha de autoria de Miguel Angel Urquijo Pineda (UNAM) e publicada numa revista de geografia e interdisciplinar no Brasil foi em espanhol.  
<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/6368/6473>.

onde o pensamento decolonial se alastra como uma queimada na paisagem agreste do meio académico atual.

Uma tradução de *Critique de la raison décoloniale* para o português seria acontecimento auspicioso para o meio acadêmico lusófono em 2025; afinal, os textos reunidos na coletânea demonstram os limites de uma pretensa teoria social. São contribuições críticas para o público leitor buscar uma compressão histórica da modernidade sem reducionismos, simplismos e truismos. Como apontou Hannah Arendt em seu ensaio *Between Past and Future* (1954), a revolta de alguns filósofos como Marx e Nietzsche contra a tradição favoreceu uma filosofia da história inseparável do pensamento dialético. Ironicamente, Enrique Dussel e outros desenvolveram um pensamento analítico em busca de um paraíso perdido, de quase celebração de uma tradição pré-colombiana, como se o passado pudesse nos guiar no futuro. Ademais, Frantz Fanon (1952), autor cuja obra tem sido usada para os molhos mais variados na cozinha das Humanidades, foi categórico: “Quer se queira, quer não, o passado não pode, de modo algum, me guiar na atualidade”.

Se a pesquisa histórica nunca foi o forte do coletivo Modernidade/Colonialidade, alguns leitores poderão achar que os autores da coletânea em francês malham em ferro frio. Já outros poderão avaliar por si próprios os limites de uma corrente de pensamento. Certo é que o livro abre novas perspectivas para haver uma melhor compreensão sobre este primeiro quartel do século XXI que alguns consideram de tempos sombrios, inclusive nas ciências sociais. Nada melhor do que o exercício da crítica para que a razão siga sendo uma faculdade imprescindível às nossas vidas e à nossa compreensão histórica na “brecha” em que nos encontramos entre passado e futuro.

Sílvio Marcus de Souza Correia (UFSC)

## REFERÊNCIAS

- Bosco, F. (2017). *A vítima tem sempre razão? O novo espaço público brasileiro*. São Paulo: Editora Todavia.
- Browitt, J. (2014). La teoría decolonial: buscando identidad en el mercado académico. *Cuadernos de Literatura*, 18(36), pp. 25-46.

- Browitt, J. (2020). La teoría decolonial: Buscando identidad en el mercado académico. In: G. Makaran & P. Gaussens (Coords.), *Piel blanca, máscaras negras. Crítica de la razón decolonial* (pp. 105–120). Universidad Nacional Autónoma de México.
- Cahen, M. (2024). *Colonialité: Plaidoyer pour la précision d'un concept*. Paris: Karthala.
- Chakrabarty, D. (2000). *Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University Press.
- Dussel, E. (1993). *1492 o encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Fanon, F. (1952). *Peau noire, masques blancs*. Éditions du Seuil.
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser. In S. Castro-Gómez & R. Grosfoguel (Comps.), *El giro decolonial* (pp. 127–167). Siglo del Hombre/Universidad Central/Pontificia Universidad Javeriana.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais / projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG.
- Lobato, J. B. M. (1970). *Emilia no País da Gramática* (15<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Grosfoguel, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80.
- Grosfoguel, R., et al. (2018). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas* (pp. 227–278). Buenos Aires: Clacso.

## NOTAS

---

### AUTORIA

Silvio Marcus de Souza Correa: Doutorado em Sociologia. Professor Titular do Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Florianópolis, SC, Brasil.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Trindade, 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil

### ORIGEM DO ARTIGO

Não se Aplica

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: S. M. de S. Correa

### FINANCIAMENTO



Não se aplica.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

**CONFLITO DE INTERESSES**

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

**DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS**

Não se aplica.

**PREPRINT**

A resenha não é um preprint.

**LICENÇA DE USO**

© Silvio Marcus de Souza Correa. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES**

Alexandre Buski Valim, Daniela Capri

**HISTÓRICO**

Recebido em: 03 de julho de 2025

Aprovado em: 30 de setembro de 2025

